

Luciane de Moura Baruffi

Bacharel em Enfermagem

lubaruffi@hotmail.com

Artigo recebido em abril de 2015 e

aprovado em junho de 2015.

ESTUDO EXPLORATÓRIO DO CONHECIMENTO DAS ADOLESCENTES SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO RELACIONADO AO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO

RESUMO

A adolescência é uma fase importante do desenvolvimento humano, onde pode ocorrer o início da vida sexual, geralmente desprotegida e de maneira precoce, expondo as adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas ao Papilomavírus humano, um perigoso vírus causador do câncer de colo do útero. O estudo teve por objetivo investigar o conhecimento das adolescentes sobre o HPV. A pesquisa caracterizou-se como exploratória, descritiva, de abordagem quantitativa, através de questionário estruturado, com perguntas fechadas às adolescentes entre 16 e 18 anos de uma escola pública e uma particular. A coleta de dados realizada no mês de Agosto de 2010, contou com a colaboração de 48 adolescentes, exclusivamente do sexo feminino. A análise dos dados demonstrou que as alunas da escola pública têm uma carência de informações muito superior às da particular. Dentre as jovens pesquisadas, 67% dessas já iniciaram a vida sexual e 83% desconhecem o que é o HPV. Além disso, grande percentual delas nunca realizou o exame Papanicolaou e desconhecem este como responsável pela detecção precoce de lesões causadas pelo HPV, precursoras do câncer cervical. Através deste trabalho verificou-se a necessidade de enfermeiros atualizados e conectados ao universo adolescente, promovendo a conscientização desse público de maneira clara e efetiva.

Palavras-Chave: Adolescentes, câncer de colo de útero, Papilomavírus humano.

STUDY EXPLORING THE KNOWLEDGE OF TEENAGE GIRLS ABOUT THE HUMAN PAPILOMAVIRUS RELATED TO CERVICAL CANCER

ABSTRACT

The teen years are an important phase of the human development. Sexual life usually begins in a premature and unprotected way, exposing teenage girls to sexually transmitted diseases, among them the Human Papillomavirus, a dangerous virus that causes cervical cancer. The study had as its objective to investigate the teenage knowledge about the HPV. The research was characterized as explanatory and descriptive with a quantitative approach, all done through a structured questionnaire targeted at teenage girls ages 16 to 18 who attended either public or private schools. The data was collected from 48 female teenagers during August 2010. The data analysis showed that the students from the public school had a higher lack of knowledge compared to the students from the private school. Among the female teenagers in the study, 67% of them had already initiated their sexual life and 83% of them did not know what HPV was. Besides, a large percentage of them never had a cervical screening using a Pap test and were unaware that the test is responsible for early detection of the lesions caused by the HPV, which can cause cancer. This research found the necessity of the nurses to being informed and up-to-date with the teenager world so they can promote awareness to this age group in a clear and effective way.

Keywords: Teenagers, cervical cancer, Human Papillomavirus.

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa

Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150

Boqueirão, Santos - São Paulo

11050-071

<http://revista.lusiada.br/portal/index.php/ruep>

revista.unilus@lusiada.br

Fone: +55 (13) 3202-4100

INTRODUÇÃO

Ao longo da vida passamos por várias fases que fazem parte do desenvolvimento humano, mas nenhuma delas é tão conflitante como a adolescência. A etimologia de adolescer vem do latim *ad* que significa “para” e *olescere* que significa “crescer”, ou seja, “crescer para” (BECKER, 1994 apud SUDBRACK; DALBOSCO, 2005, 23/05/2010).

A adolescência é uma fase muito importante e delicada da vida. Os jovens nessa fase passam por transformações não só físicas, mas também grandes mudanças comportamentais, sentindo que não podem se comportar como adulto e tampouco como criança. Nessa fase, sua sexualidade está aflorada e podem ocorrer suas primeiras experiências sexuais.

Ao longo do curso, como acadêmica, tive a percepção de que havia uma lacuna importante entre a primeira relação sexual e a primeira visita ao ginecologista, período esse que a adolescente mantém-se sexualmente ativa e vulnerável a contrair alguma doença sexualmente transmissível.

Doenças sexualmente transmissíveis (DST) são doenças causadas por vários tipos de agentes, transmitidas principalmente por contato sexual, sem o uso de preservativos, com pessoa que esteja infectada. Mulheres devem ser ainda mais atenciosas, pois não é fácil distinguir os sintomas da infecção pelo vírus das reações comuns do seu organismo (BRASIL, 23/05/2010).

O início da vida sexual na população jovem vem ocorrendo de maneira cada vez mais precoce, na maioria das vezes sem proteção e com uma grande variedade de parceiros. Com isso, aumenta sua exposição a diversas patologias que prejudicam sua saúde, dentre elas o contágio pelo Papilomavirus humano, também conhecida como HPV, uma perigosa DST que traz graves consequências se não tratada a tempo (MAGARINOS, 2009, apud O GLOBO, 2009, 29/03/2010).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 11/05/2010), entende-se adolescência como o período entre 10 e 19 anos, e juventude a faixa etária dos 15 aos 24 anos, definições essas adotadas também no Brasil, pelo Ministério da Saúde.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu 2º artigo da lei 8.069/90 considera a pessoa entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2008).

O Papilomavirus humano é uma doença sexualmente transmissível que tem apresentado maior número de casos entre jovens abaixo dos vinte anos de idade. Segundo pesquisa da ginecologista Denise Monteiro, doutora em saúde da criança e da mulher do Instituto Fernandes Figueira, uma unidade da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, em estudos realizados com adolescentes verificou-se que “um ano após o início da vida sexual, uma em cada quatro delas já apresenta lesões causadas por HPV, alcançando 40% em cinco anos de vida sexual.” O estudo conclui que a incidência de alterações citopatológicas é alta nos três primeiros anos da vida sexual e é ainda mais grave no primeiro ano (BRASIL, 12/03/2010).

O câncer de colo de útero, também chamado de cervical é um tumor que se desenvolve a partir de alterações no colo de útero causado por infecção persistente pelo Papilomavirus humano, o vírus HPV (INCA, 23/05/2010).

A prática sexual precoce pode ser muito prejudicial à saúde reprodutora das adolescentes por seu colo do útero ser, nessa fase, muito vulnerável às patologias. Em pesquisa apresentada pela agência de notícias da FIOCRUZ (10/04/2010) “é maior a presença de células metaplásicas, que dão suporte à multiplicação do vírus, e menor a produção de muco cervical, que serve como barreira protetora contra agentes infecciosos”. Com o aumento da exposição dessas jovens às situações de risco, se faz necessário medidas de detecção e prevenção eficazes para essa faixa etária visando o combate às doenças e promoção da saúde.

O câncer de colo uterino é uma das graves consequências que tem uma forte relação com situações de risco sofridas na adolescência.

Existe associação positiva entre número de parceiros sexuais e neoplasia cervical, dilatando o risco de infecção por HPV, e indiretamente via HPV, o risco de neoplasia. Coitarca precoce mostrou ser fator de risco para câncer cervical. (...) Assim como mudança freqüente de parceiros e exposição precoce da zona de transformação a agentes transformadores (PEREYRA; PARELLADA; FONSECA, 2000, p.1000).

De acordo com dados do Instituto Nacional do Câncer - INCA, o câncer do colo uterino é o segundo tipo de câncer mais frequente no gênero feminino. A cada ano a doença atinge meio milhão de mulheres, matando mais da metade delas, sendo que a incidência mais alta ocorre entre jovens de 16 a 20 anos de idade. A maioria dos casos está ligada à infecção pelo Papilomavírus humano (HPV), transmitido sexualmente.

A relação entre o HPV e o câncer de colo de útero é muito estreita e, entre a infecção e o surgimento do câncer leva-se geralmente de cinco a dez anos. Esse espaço de tempo favorece a detecção do vírus antes de sua evolução para uma neoplasia, e que, com tratamento e acompanhamento adequado evitar que esse mal possa ser desenvolvido (FREITAS et al., 2001).

Estima-se que as taxas de incidência de infecção para o HPV possam alcançar cerca de 30 – 40% em pacientes abaixo dos vinte anos e depois dos 35 anos a prevalência diminui para cerca de 10%, e a de infecção por HPV de alto risco (oncogênicos) para cerca de 5%. Enquanto a infecção por HPV diminui, a incidência do câncer cervical aumenta, sugerindo que a persistência da infecção pelo HPV é necessária para produzir lesões de alto grau. O pico de incidência de câncer de colo uterino ocorre 5 a 10 anos após a infecção pelo HPV (FREITAS et al., 2001, p.125).

O conhecimento acerca da patologia determina um importante fator para a prevenção ou detecção precoce da mesma, diminuindo consideravelmente as oportunidades de ocorrerem neoplasias.

Existem mais de duzentos sorotipos já descobertos e, de acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS “praticamente todos os casos de câncer cervical (99%) estão associadas à infecção genital por HPV, que é a mais comum infecção viral do trato reprodutivo” (INCA, 10/04/2010).

A grande dificuldade de se detectar o HPV oncogênico ocorre por se apresentar de maneira assintomática. Não havendo sintomas, a adolescente não procura tratamento e aumentam as chances de vir a desenvolver o câncer de colo de útero. Com a detecção precoce por meio de exames preventivos regulares, as chances de combater essa doença aumentam prevenindo um futuro câncer de colo de útero.

É um problema de saúde pública, uma epidemia silenciosa, abrangendo um número cada vez maior de adolescentes infectadas a cada ano.

PAPILOMAVÍRUS HUMANO

O Papilomavirus humano (HPV) não é apenas um vírus, mas um membro da família Papillomaviridae que provocam lesões na pele ou mucosa.

São vírus de DNA que se replicam no núcleo de células epiteliais escamosas. A descrição, segundo Rapaport (08/06/2010), consiste em vírus pequenos, de 52 a 55nm, icosaédrico, de capsídeo esférico com 72 capsômeros. Seu genoma é composto por duas hélices de DNA circular e a base do método de classificação dos vários subtipos virais é através da análise da sequência de nucleotídeos (PEREYRA; PARELLADA; FONSECA, 2000).

A infecção por esse vírus está crescendo assustadoramente, conforme Roveratti (2010), “sendo considerada hoje a doença sexualmente transmissível de etiologia viral mais freqüente no mundo” e acomete principalmente mulheres durante o período reprodutivo.

Segundo o Instituto Nacional do Câncer – INCA (10/04/2010), existem mais de 200 tipos de HPV e podem ser classificados de baixo ou alto risco oncogênico e, em concordância, Roveratti (2010) classifica o de baixo risco como cutaneotrópicos, com afinidade pela pele e o de alto risco como mucosotrópicos, que infectam as mucosas genitais, orais e respiratórias, responsáveis pelo desenvolvimento do câncer.

Para Freitas et al. (2001), os tipos virais com potencial risco oncogênico para o trato genital inferior são classificados:

- a) baixo risco (causadores de verrugas condilomatosas): São os tipos 6, 11, 42, 43, 44;
- b) risco intermediário: São os tipos 30, 34, 40, 57;
- c) alto risco (lesões pré-neoplásicas): São os tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, sendo que o mais virulento é o HPV 18.
- d) risco indeterminado: 53, 54, 55, 58.

Os demais tipos de HPV também têm potencial virulento e características peculiares quanto aos locais de manifestação.

A morfologia da infecção ocorre de maneira variada, visto que em locais onde há intensa vascularização, projeções estromais podem ser facilmente identificadas, enquanto em regiões onde a vascularização é insuficiente para produzir verrugas, as lesões permanecem de maneira onde só serão observadas através de colposcopia, exame que visualiza o colo do útero e reconhece lesões acetobranças ou padrões vasculares anômalos (PEREYRA; PARELLADA; FONSECA, 2000).

A inoculação do Papilomavírus humano, segundo Pereyra, Parellada e Fonseca (2000), advém de microtraumatismos na pele que ocorrem durante a relação sexual com pessoa infectada. Em seguida, os vírions perdem o seu invólucro protéico e o genoma viral atinge o núcleo da célula na forma episomal, ou seja, seu DNA circula o núcleo da célula, sem se integrar com a mesma. Após essa fase, o vírus pode ser combatido pelo organismo, pode permanecer latente ou se desenvolver na forma ativa da infecção. Por essa razão os locais frequentemente acometidos pelo vírus são onde o tecido epitelial encontra-se mais frágil. Por exemplo, no colo do útero, onde acomete principalmente a zona de transformação, local onde as células encontram-se em transição de tecido glandular para epitelial, onde se produzem muco para células escamosas semelhante à pele.

Para Roveratti (2010), o vírus pode ser transmitido por outras vias, como a via sanguínea, o canal de parto (no momento do nascimento) e até mesmo no beijo. Complementando, Pereyra, Parellada e Fonseca (2000) afirmam que, principalmente em casos de condilomas externos, podem ocorrer auto e heteroinfecção por vírions do HPV das verrugas da pele e das genitais. Principalmente por ser este particularmente resistente à água, a transmissão para a mucosa através de superfície contaminada é sempre possível.

A infecção do trato genital inferior é dividida em formas:

- a) clínica: É a forma evidenciável a olho nu e representa 2 a 3% dos casos.
- b) subclínica: É a forma reconhecida apenas através de exame colposcópico (visualização por lente de aumento, após aplicação de ácido acético a 5%) ou microscópico (citologia ou histologia) e representa 60% do HPV anogenital externo e 95% do HPV cervical.
- c) latente: Diagnóstico apenas pela técnica de hibridização do DNA viral em indivíduos com clínica e cito/histologia normais. É identificado em 10 a 12% da população adulta saudável e sexualmente ativa (FREITAS et al., 2001).

A sua classificação é de máxima importância para a direção a ser seguida com relação ao tratamento, acompanhamento e orientações que serão fornecidas à pessoa infectada.

A melhor arma para se combater o HPV é a prevenção, visto que, segundo Freitas et al. (2001) “nenhum tratamento erradica o HPV”.

O tratamento deve ser direcionado para lesões clínicas, subclínicas sintomáticas ou que apresentem lesões pré-neoplásicas. Os objetivos almejados pela terapêutica são a diminuição da carga tumoral, aumento da resposta imune e normalização do crescimento celular através de métodos de destruição local ou excisionais. Entretanto, nenhum método é considerado integralmente bem-sucedido, tanto no aspecto da erradicação da doença, quanto na prevenção de sua recorrência. (PEREYRA; PARELLADA; FONSECA, 2000).

Em se tratando de HPV, nada é tão indicado quanto a prevenção por se tratar de um vírus que “nenhum método terapêutico pode erradicá-lo” (PEREYRA; PARELLADA; FONSECA, 2000).

Entretanto, o Ministério da Saúde adverte que “não existe forma de prevenção 100% segura”, visto que o vírus pode ser adquirido não só por via sexual, mas também através de objetos contaminados (BRASIL, 20/07/2010).

As principais formas de prevenção do HPV são: os métodos de barreira, as vacinas, o diagnóstico e tratamento precoce e a educação.

Os métodos de barreira, ou seja, o preservativo masculino ou feminino tem eficácia de 70% a 80% na prevenção do contágio, isso porque o vírus pode estar alojado em outras regiões desprotegidas, como na região pubiana, perineo e ânus.

Com o avanço de tecnologias de recombinação genética, Bricks (2007) conta que foi possível desenvolver duas vacinas para a prevenção do HPV, uma bivalente, contra os tipos 16 e 18, e outra quadrivalente, contra os tipos 6, 11, 16 e 18, produzidas a partir de partículas semelhantes ao vírus, porém destituída de DNA, capazes de estimular uma resposta imunológica muito superior à encontrada após a infecção natural. Ambas são aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, e já estão disponíveis na rede pública de saúde.

Com o passar dos anos, a investigação sobre a etiologia do câncer cervical estabelece uma conexão com a infecção pelo HPV mucosotrópico, onde o contato sexual é sua principal forma de transmissão e, conforme relatado por Bosch, Lorincz e Muñoz (2002), apresentando perfil de doença sexualmente transmissível.

A relação entre contato sexual e o câncer de colo de útero está extremamente vinculada também para Monteiro (09/06/2010), quando afirma ser esta neoplasia considerada uma doença sexualmente transmissível, definição essa aceita por muitos, como afirma Aldrighi et al. (2005). Contudo, é importante ressaltar que o contato sexual em si não é responsável pelo aparecimento deste câncer, mas expõe as pessoas ao contato com o vírus determinante para a sua evolução.

OBJETIVO GERAL

Investigar o conhecimento das adolescentes sobre o HPV.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Analisar e contribuir com medidas que colaborem com a prevenção do câncer de colo de útero entre as adolescentes.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se como exploratória, descritiva, de campo, de abordagem quantitativa, com perguntas estruturadas e fechadas.

A coleta de dados realizada no mês de Agosto de 2010 contou com a colaboração de 48 adolescentes, exclusivamente do sexo feminino com idades entre 16 e 18 anos.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com 48 adolescentes do sexo feminino, sendo 27 alunas do 3º ano do ensino médio de uma Escola Pública Estadual do município de Santos/SP e 21 alunas de uma Escola Particular do município de São Vicente/SP.

DELINEAMENTO DA PESQUISA

A escolha dos locais de pesquisa levou em consideração o número significativo de adolescentes e seus diferentes níveis socioeconômicos.

Antes da participação da pesquisa, as adolescentes foram devidamente instruídas a encaminharem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seus pais ou responsáveis para autorização, assegurando seu direito a confidencialidade.

O preenchimento do questionário foi realizado em sala de aula, após a explanação sobre o objetivo e a natureza da pesquisa, sendo mantido o anonimato e o sigilo das respostas. Durante o preenchimento da pesquisa, somente as participantes estavam presentes, de forma voluntária e dispostas separadamente para garantir sua privacidade.

Os dados obtidos foram provenientes de questionário estruturado, anônimo, com quinze perguntas fechadas, aplicadas às adolescentes em suas respectivas unidades de ensino. As questões foram elaboradas a fim de avaliar o perfil e o nível de conhecimento a respeito do HPV, onde todas as perguntas continham a opção "não sei" como resposta, para que pudessem justificar seu desconhecimento sobre o assunto.

Após a aplicação dos questionários, foi realizada uma explanação de cunho educativo, abordando a morfofisiologia do sistema geniturinário feminino, a infecção pelo Papilomavírus humano, o câncer cervical no âmbito da prevenção e diagnóstico precoce, utilizando a lousa para ilustrar o assunto e usando abordagem conscientizadora e problematizadora, sustentada pela metodologia participativa e dialogal, que favorece uma relação crítica e transformadora.

ESTUDO EXPLORATÓRIO DO CONHECIMENTO DAS ADOLESCENTES SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO
RELACIONADO AO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO
STUDY EXPLORING THE KNOWLEDGE OF TEENAGE GIRLS ABOUT THE HUMAN PAPILOMAVIRUS RELATED TO
CERVICAL CANCER

Por fim, os dados foram analisados, codificados e apresentados por meio de gráficos utilizando o software Microsoft Excel – 2007 e discutidos a partir da literatura pertinente.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O presente projeto e o questionário estruturado foram primeiramente encaminhados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Centro Universitário Lusíada.

A aplicação da pesquisa foi previamente autorizada pelos pais ou responsáveis das adolescentes em questão, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A infecção pelo Papilomavírus humano acomete principalmente adolescentes, o que estimulou a pesquisa a investigar esse universo.

De acordo com os dados coletados na pesquisa de campo, por meio do questionário estruturado, a idade das adolescentes pesquisadas era variável entre 16 e 18 anos, sendo predominante participantes de 17 anos, representando 65% do total das jovens.

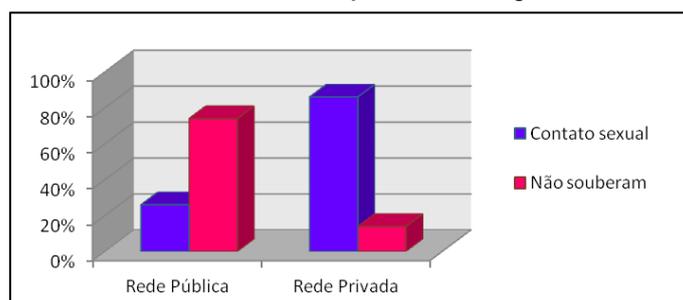
CONHECIMENTO QUANTO AO CONTÁGIO DO HPV

Através de uma análise comparativa das respostas, ficou claramente comprovada que a falta de conhecimento das adolescentes da rede pública é muito superior a da rede privada, onde 74% das jovens pesquisadas não souberam responder como se contrai a infecção pelo HPV.

Apenas 26% das alunas da rede pública assinalaram ser o contágio da infecção por contato sexual, contra 86% das jovens da rede privada, o que demonstra a discrepância de conhecimento entre esses dois universos. Nota-se que, na rede privada, apenas 14% não sabia como é o contágio da infecção.

Grande parte das adolescentes não mostrou conhecimentos adequados quanto ao contágio do HPV, com destaque à escola pública, o que seria de suma importância na prevenção do desenvolvimento de câncer de colo de útero (CONTI; BORTOLIN; KÜLKAMP, 2006).

Gráfico 1 - Conhecimento quanto ao contágio do HPV.



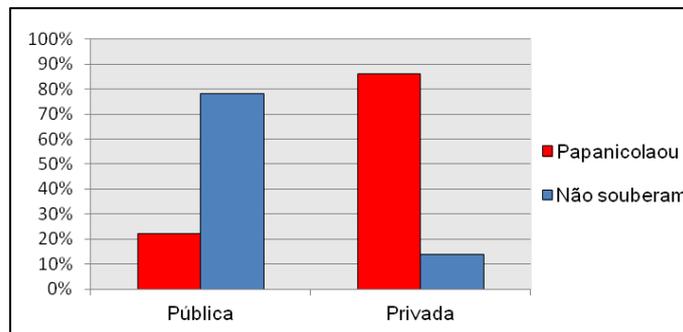
CONHECIMENTO DO DIAGNÓSTICO DE HPV

Quanto ao método diagnóstico, as adolescentes da escola particular demonstraram ter ciência que o exame Papanicolaou é o método que deve ser adotado como primeira escolha para detecção do HPV, pois essa resposta foi assinalada por 86% das participantes e apenas 14% que não souberam responder corretamente.

Na escola pública, 78% das participantes não souberam responder como seria possível diagnosticar a infecção pelo HPV e somente 22% responderam que a melhor opção diagnóstica seria o exame preventivo.

Esse dado é preocupante, visto que, além dos métodos de barreira, a detecção precoce por meio de exames preventivos, ou seja, o Papanicolaou é a melhor opção para se detectar e, conseqüentemente, tratar lesões precursoras de câncer cervical. (SANTANA et al., 2008).

Gráfico 2 - Conhecimento do diagnóstico de HPV.



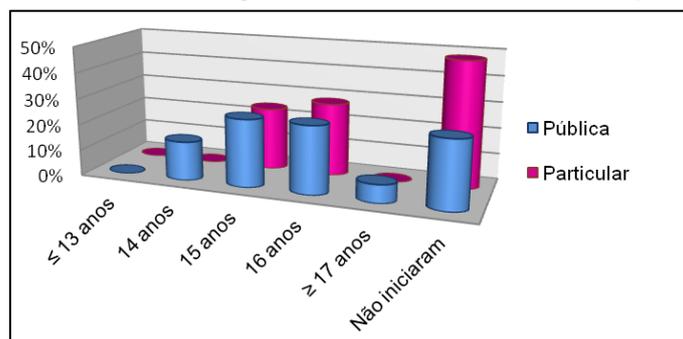
DISTRIBUIÇÃO DAS ADOLESCENTES SEGUNDO O INÍCIO DA VIDA SEXUAL NA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO

Entre as adolescentes da rede pública, a idade do início da vida sexual ficou empatada em 15 e 16 anos, onde atingiram 26% em ambas as idades. Entre essas jovens, 15% tiveram sua primeira relação sexual com 14 anos e 7% responderam que tiveram com 17 anos.

Do total das adolescentes pesquisadas 67% já iniciaram a vida sexual contra 33% que não deram início. É uma porcentagem alta, que demonstra a necessidade de conscientização desse público a adotarem medidas de prevenção necessárias à sua saúde. Quando comparamos estes aos fatores predisponentes à infecção do vírus HPV, verificamos o risco, pois o início precoce da atividade sexual está intrínseco ao aumento da exposição e possível contágio do agente infeccioso (PEREYRA; PARELLADA; FONSECA, 2000; FREITAS et al., 2001).

Podemos observar que entre as alunas da rede privada quase o dobro delas não tiveram relações sexuais comparado com as alunas da rede pública, o que nos leva a acreditar que, dentre as amostras pesquisadas, esse público tem menos chances de contrair o vírus por estarem menos expostas à infecção. Entretanto, na rede particular, 52% das alunas estão expostas às situações de risco por serem sexualmente ativas, um número que também é preocupante, pois a imaturidade dos tecidos genitais é um dos fatores que propicia a infecção pelo HPV (CONTI; BORTOLIN; KÜLKAMP, 2006).

Gráfico 3 - Distribuição das adolescentes segundo o início da vida sexual na rede pública e privada de ensino.



CONHECIMENTO DA RELAÇÃO DO HPV AO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO

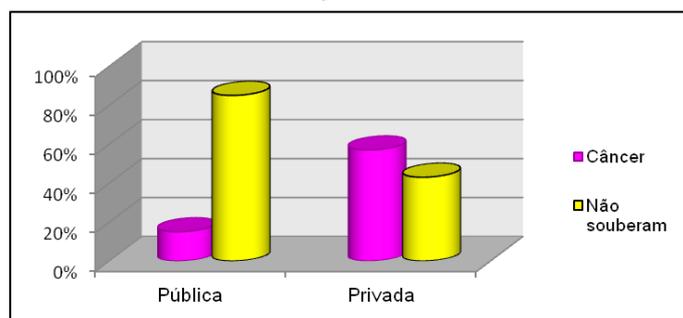
Com relação às conseqüências que o HPV pode causar em longo prazo, se não tratado, apenas 15% das alunas entrevistadas da rede pública responderam corretamente de se tratar do câncer, ou seja, um número extremamente baixo, demonstrando o quão deficiente é o conhecimento delas em relação à infecção. As demais, que corresponde a 85% das jovens, não souberam responder corretamente.

ESTUDO EXPLORATÓRIO DO CONHECIMENTO DAS ADOLESCENTES SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO
RELACIONADO AO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO
STUDY EXPLORING THE KNOWLEDGE OF TEENAGE GIRLS ABOUT THE HUMAN PAPILOMAVIRUS RELATED TO
CERVICAL CANCER

No ensino particular, 57% das jovens afirmaram que o HPV pode evoluir para um futuro câncer e 43% não sabiam o que o vírus poderia causar.

É possível observar que o conhecimento específico em relação ao HPV é muito deficitário entre as entrevistadas da escola pública comparando com as da particular, embora esta última ainda demonstre a necessidade de esclarecimentos quanto às possíveis consequências da infecção em longo prazo, caso esta não seja tratada.

Gráfico 4 - Conhecimento da relação do HPV ao câncer de colo de útero.



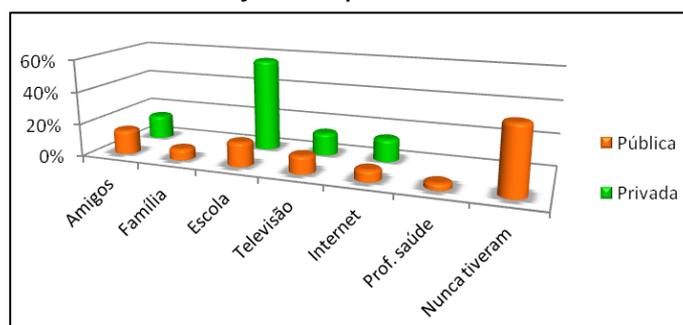
MEIOS DE INFORMAÇÕES A RESPEITO DE ASSUNTOS RELACIONADOS AO HPV

Durante a entrevista foi observado que as adolescentes têm formas variadas de adquirirem informações a respeito do assunto. No ensino público aparecem a escola e os amigos empatados, com 15%, a televisão em 11%, Internet e pais ou familiares aparecem com 7%, profissional da saúde com 4% e 41% disseram que nunca tiveram informações.

Entre as adolescentes da rede privada, 57% responderam que as informações obtidas sobre o vírus foi através da escola, os amigos ficaram em 15% e a internet e a televisão apresentaram 14% das respostas.

Esses dados sugerem que na rede privada, as alunas entrevistadas contaram com algum tipo de informação ministrada pela escola, já que a maioria delas respondeu ser o conhecimento adquirido provenientes da instituição, porém, através da análise de dados, podemos observar que ainda são necessárias medidas educativas de elucidações de dúvidas relacionadas ao assunto.

Gráfico 5 - Meios de informações a respeito de assuntos relacionados ao HPV.

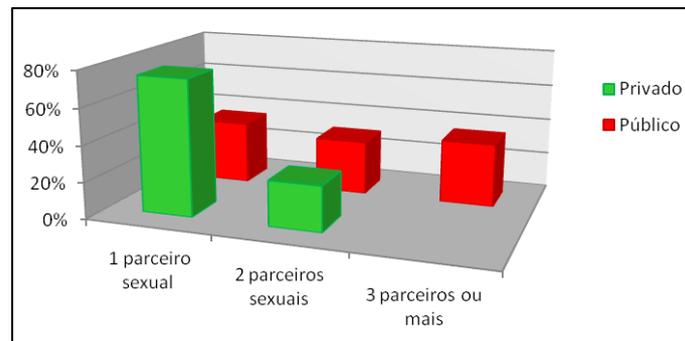


MULTIPLICIDADE DE PARCEIROS ENTRE AS ADOLESCENTES PESQUISADAS

O comportamento sexual pôde ser analisado onde se observou a multiplicidade de parceiros entre os dois grupos entrevistados. Na escola pública, a multiplicidade de parceiros se torna mais evidente, já que 35% das jovens assinalaram que tiveram 3 parceiros ou mais, 30% tiveram dois parceiros e 35% possuíram um parceiro. Na realidade, a multiplicidade de parceiros foi evidenciada em um total de 65% dessas jovens, o que é um número muito alto que proporciona um alto risco de contrair diversas doenças.

Na escola privada, essa pluralidade de parceiros existe, mas é menos evidente, visto que 75% das adolescentes tiveram apenas um parceiro sexual e 25% das jovens tiveram dois parceiros até a data da entrevista. Percebe-se que, na escola particular, nenhuma das alunas teve 3 parceiros ou mais.

Gráfico 6 - Multiplicidade de parceiros entre as adolescentes pesquisadas.



DISTRIBUIÇÃO DAS ADOLESCENTES SEXUALMENTE ATIVAS RELACIONADA À REALIZAÇÃO DO EXAME PAPANICOLAOU

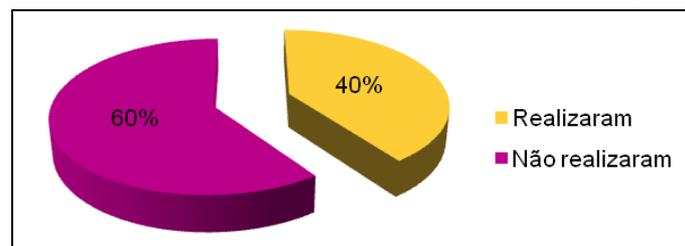
A análise demonstrou que 40% das adolescentes sexualmente ativas já realizaram o exame Papanicolaou contra 60% das jovens que nunca o realizaram.

Esse dado é muito importante, pois mostra a necessidade de intervenções educativas no sentido de incentivar a realização de exames periódicos do Papanicolaou, principalmente entre as adolescentes sexualmente ativas. A não realização deste exame pode impedir a detecção precoce de lesões precursoras e assim, evitar que, a longo prazo, essa jovem venha a evoluir para uma neoplasia de colo do útero.

Embora a grande maioria das adolescentes tenha demonstrado carência de informações sobre o que é HPV, os sintomas que causa, como se transmite e como podemos diagnosticá-lo, durante a pesquisa observamos que 73% das jovens já haviam se consultado com algum médico ginecologista, e apenas 27% nunca se consultou.

Esse número expressivo nos faz refletir que a falta de informação já é deficitária mesmo após consulta com profissionais da área da saúde. A visita da adolescente e sua família às unidades de saúde são ocasiões em que se reforçam as mensagens de aconselhamento de práticas sexuais responsáveis e seguras à sua saúde (GROSSMAN; RUZANY; TAQUETTE, 10/04/2010).

Gráfico 7 - Distribuição das adolescentes sexualmente ativas relacionada à realização do exame Papanicolaou.



Cabe ressaltar que por fatores inibitórios tais como vergonha ou desinteresse por parte das entrevistadas, alguns resultados deste estudo podem estar subestimados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a presente pesquisa constatou-se a partir dos dados obtidos, a falta de conhecimento relacionado ao HPV, sua sintomatologia, transmissão, prevenção e possíveis consequências relacionadas à infecção pelo vírus.

No âmbito familiar, muitas vezes por falta de conhecimento e dificuldade dos pais em abordar temas relacionados à sexualidade dos filhos, essas jovens não são orientadas sobre o assunto. Brêtas e Pereira (2007)

ESTUDO EXPLORATÓRIO DO CONHECIMENTO DAS ADOLESCENTES SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO
RELACIONADO AO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO
STUDY EXPLORING THE KNOWLEDGE OF TEENAGE GIRLS ABOUT THE HUMAN PAPILOMAVIRUS RELATED TO
CERVICAL CANCER

afirmam que esta dificuldade pode estar ligada ao fato dos pais não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios, atribuindo à escola a responsabilidade por tal orientação, que por sua vez demonstram dificuldades para cumpri-la.

Esse desconhecimento é evidenciado de forma mais acentuada na escola pública, onde o acesso a essas informações é mais deficitário ou quase inexistente.

Além disso, foi constatado o início da atividade sexual precoce e uma possível multiplicidade de parceiros entre as adolescentes entrevistadas, o que as colocam dentro de um grupo de risco suscetível ao contágio pelo HPV.

Outro dado importante observado foi a falta de conhecimento sobre a doença, mesmo após a maioria das jovens participantes da pesquisa já terem consultado algum médico ginecologista, o que nos leva a acreditar que a falta de informação já é deficitária a partir dos profissionais da área da saúde.

As alunas da escola pública demonstraram através de suas respostas não conhecer a relação que existe entre o HPV e o câncer de colo do útero, informação essa obtida também na escola particular, porém em número menos expressivo.

Embora a maior parte das adolescentes consultadas ter iniciado a vida sexual ou ser sexualmente ativa, grande percentual delas nunca realizaram o exame Papanicolaou e desconhecem este como responsável pela detecção precoce de lesões causadas pelo HPV, precursoras do câncer cervical. Esse desconhecimento é nítido também entre as adolescentes que o realizaram.

Após o questionário aplicado, buscando contribuir de forma mais atuante com medidas que colaborem com a prevenção do câncer de colo de útero entre as adolescentes realizei palestras de orientação sobre o tema. Através do surgimento das dúvidas, consegui perceber e confirmar o que os dados haviam exposto, mas em grau mais acentuado sobre ausência de conhecimento pertinente ao assunto.

Diante desta perspectiva, se faz necessário medidas de orientação e prevenção, bem como a criação de campanhas de educação em saúde adequadas a esse público. Somente assim, através de informações específicas, claras e efetivas, conseguiremos reverter esse quadro, possibilitando a conscientização sobre os riscos e a gravidade dessa doença silenciosa.

Por fim, este trabalho demonstrou a necessidade da intervenção de enfermagem em qualquer estágio preventivo do câncer cervical. A atuação de enfermeiros atualizados e conectados ao universo adolescente proporciona educação à população jovem, que quando alertada para os fatores de risco, passa a se responsabilizar pelo seu estilo de vida e, principalmente, pela manutenção de sua saúde, além de se conscientizar do seu papel na prevenção do câncer de colo do útero.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Artigo 2º, lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasília, 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm, acessado em 11/05/2010)

BRASIL, Ministério da Saúde. O que são DST. Disponível em <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS1DA1127BPTBRIE.htm>> Acesso em 23/05/2010.

BRÊTAS, J.R.da S.; PEREIRA, S. R. Projeto de extensão universitária: Um espaço para formação profissional e promoção da saúde. Disponível em <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/include/mostrarpdf.cfm?Num=173>> Acesso em 02/09/2010.

CONTI, F.S.; BORTOLIN, S.; KÜLKAMP, I. C. Educação e Promoção à Saúde: Comportamento e Conhecimento de Adolescentes de Colégio Público e Particular em Relação ao Papilomavírus Humano. J bras Doenças Sex Transm, p.30-35, 2006.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Ministério da Saúde. Moças devem ser alvo de ações para controlar HPV e lesões do colo do útero. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2248&query=simple&search%5Fby%5Fauthname=all&search%5Fby%5Ffield=tax&search%5Fby%5Fheadline=false&search%5Fby%5Fkeywords=any&search%5Fby%5Fpriority=all&search%5Fby%5Fsection=all&search%5Fby%5Fstate=all&search%5Ftext%5Foptions=all&sid=9&site=ccs&text=hpv>> publicado em 08/01/2009, acessado em 10/04/2010.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Ministério da Saúde. Pesquisa revela altos índices de lesões por HPV em jovens. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2247&sid=9>> publicado em 07/01/2009 acessado em 12/03/2010.

FREITAS, F. et al. Rotinas em Ginecologia. 4ª edição – Porto Alegre : Artmed, 2001.

GROSSMAN, E.; RUZANY, M. H.; TAQUETTE, S. R. A consulta do adolescente e jovem. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescente/textos_comp/tc_07.html> Acesso em 10/04/2010.

INCA, Instituto Nacional do Câncer. HPV – Perguntas e respostas mais frequentes. Disponível em <http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=327> acessado em 10/04/2010.

INCA. Instituto Nacional do Câncer. Câncer: Informação pode salvar vidas. Disponível em <http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/publicacoes/cancer_colo_do_uterio_2010.pdf> publicado em 2009 acessado em 23/05/2010.

O GLOBO. Uma em cada quatro adolescentes no Brasil tem HPV. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mulher/mat/2009/04/08/uma-em-cada-quatro-adolescentes-no-brasil-tem-hpv-755190818.asp>> publicado em 08/04/2009 e acessado em 29/03/2010.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Saúde e desenvolvimento do Adolescente. Disponível em <http://www.searo.who.int/en/Section13/Section1245_4980.htm> acessado em 11/05/2010.

OPAS, Organização Pan-Americana de Saúde. O papilomavírus humano (HPV). Disponível em <<http://www.who.int/immunization/topics/hpv/en/index.html>> acessado em 10/04/2010.

PEREYRA, E. A. G. de; PARELLADA, C. I.; FONSECA, A. M. da. Papilomavírus humano: etiopatogenia, diagnóstico e tratamento In: Halbe, H.W. Tratado de Ginecologia. 3ª edição – São Paulo: Rocca 2000. Vol. 2. e 3.

SANTANA, E. A. et al. Câncer cervical: etiologia, diagnóstico e prevenção Arq Ciênc Saúde. Vol.15(4):199-204 out/dez 2008.

SUDBRACK, M. F. O.; DALBOSCO, C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. 1º Simpósio Internacional do Adolescente. Maio, 2005. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200082&script=sci_arttext> acessado em 23/05/2010.